

## INTRODUÇÃO

O livro dos Atos dos Apóstolos nos conta que, ao chegar a Filipos, cidade da Europa, o apóstolo Paulo converteu uma mulher, comerciante de púrpura, chamada Lídia, que desempenhou um papel importante na fundação da igreja daquela localidade (cf. At 16,11-40). E ao escrever suas cartas, Paulo sempre fazia referência a diversas mulheres que participavam ativamente na evangelização das primeiras comunidades cristãs: Febe, Prisca, Maria, Júnia, Trifena e Trifosa, Pérside, Júlia, Olimpas, a mãe de Rufo e a irmã de Nereu (cf. Rm 16,1-16), Evódia, Síntique (cf. Fl 4,2). Algumas delas eram bastante influentes e trabalhavam como apóstolas e ministras, animando as comunidades, a partir do anúncio que faziam de Jesus.

Ao narrar, em forma de romance bíblico, a vida de três dessas mulheres, o nosso objetivo é destacar a importância da contribuição das mulheres na propagação da fé cristã, no início da Igreja; e, também, mostrar o quanto o apóstolo Paulo valorizava a participação delas na evangelização, na profecia, na liderança e na diaconia das várias comunidades por ele fundadas.

Nessa obra, o fio condutor da narrativa é a vida de Paulo, e surpreende o fato da história de Lídia, Priscila e Febe estar associada à vida do Apóstolo, ao ponto de elas participarem dos acontecimentos mais importantes da vida dele, e da vida da igreja na qual elas estavam inseridas e tinham grande atuação.

Procuramos, também, relacionar esses acontecimentos a trechos de algumas cartas que Paulo escreveu a diversas igrejas, como resposta aos problemas vivenciados por elas. Essas cartas são sempre atuais, pois, sendo Palavra de Deus, elas são luz e alimento para nossa caminhada de fé.

## CAPÍTULO I

# UMA COMERCIANTE DE PÚRPURA

Foi no ano 50 d.C. que o apóstolo Paulo chegou pela primeira vez ao continente europeu. Ele viajava na companhia de Timóteo, seu fiel ajudante; de Silas, também conhecido como Silvano; e do médico Lucas, considerado o autor do terceiro evangelho e do livro dos Atos dos Apóstolos (cf. At 16,6-15). Eles desembarcaram no porto de Neápolis, e, depois de terem caminhado pela *Via Egnatia*, importante estrada que ligava o Oriente ao Ocidente, chegaram à cidade de Filipos.

Filipos situava-se sobre uma colina, diante da planície da Macedônia oriental, ao nordeste da Grécia atual. Nessa época, a cidade era uma colônia romana e tinha recebido esse nome em homenagem a Filipe II, rei da Macedônia e pai de Alexandre Magno.

Ao entrar na cidade, Paulo e seus companheiros depararam-se com construções típicas das colônias romanas. Havia um *fórum* (praça pública), que continha um templo do deus romano Júpiter; uma *curia* (repartição administrativa), onde se reunia o conselho da cidade; uma *basílica* (edifício dos tribunais), onde se conduziam casos jurídicos e negócios; e inúmeras estátuas em honra de cidadãos ilustres e do imperador romano e sua família. Havia também vários templos espalhados por toda a cidade, ou isolados em recintos individuais. Ali também eram encontrados os famosos banhos públicos, uma versão modificada do teatro grego e um amplo anfiteatro para jogos de gladiadores.

A população de Filipos era bastante heterogênea, pois, apesar de considerar-se “romana”, por ter sido composta por colonos italianos (cf. At 16,21), nela havia bom número de estrangeiros vindos do Egito, da Anatólia e de outras localidades. A cidade era primordialmente centro de agricultura, já que os colonos italianos haviam-se dispersado pelas aldeias ao longo da planície e nos vales que se abriam para ela. Por isso, o trabalho nas terras ao redor das aldeias era a base do desenvolvimento econômico da região. Por outro lado, os imigrantes estrangeiros trabalhavam primeiramente no comércio e em várias profissões, entre elas a de padeiros, verdureiros, barbeiros, sapateiros, leiloeiros, emprestadores de dinheiro e hoteleiros.

Naquela época, não havia muitos judeus em Filipos e, por isso, a cidade não possuía uma sinagoga, que era o local onde os judeus se reuniam aos sábados para fazer orações e ler e interpretar trechos da *Torá*, isto é, dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento.

Chegando o dia de sábado, *shabbat*, Paulo e sua equipe de missionários se dirigiram a um lugar de oração situado fora das muralhas da cidade, onde os judeus e os pagãos<sup>1</sup> convertidos à religião judaica se reuniam para celebrar o culto.

Era um dia ensolarado de verão. O sol ardente inundava a terra com brilho e esplendor; porém, o ar era fresco e seco. Os campos exibiam um verde mais vivo e se abriam para magníficos horizontes. Para facilitar os ritos de purificação que os judeus costumavam realizar, o local de oração ficava às margens do rio Gangite, a 2 km da cidade. Depois do culto, algumas mulheres permaneceram no local para continuar em oração e Paulo aproveitou a oportunidade para pregar para elas a mensagem cristã.

<sup>1</sup> Os pagãos ou gentios eram aqueles que não pertenciam ao povo de Israel. Em geral, eles cultuavam vários deuses.

A figura de Paulo não era nada atraente. Ele era de pequena estatura, tinha as pernas ligeiramente arqueadas, a barba irregular e no alto da cabeça os cabelos iam-se tornando raros. Seu rosto, porém, impressionava por denotar força e vigor. Os olhos castanhos, vivos e perscrutadores, brilhavam como os de alguém que havia perdido e recobrado a visão. O nariz aquilino dominava o rosto magro e ascético. Os lábios finos e o queixo firme moviam-se com convicção ao falar. Trajava uma túnica de linho de cor clara, um manto simples azul escuro e sandálias rústicas que eram encontradas no mercado de Tarso. Sua fisionomia revelava sua natureza inquieta e idealista.

Uma das mulheres, chamada Lídia, foi tocada pelas palavras de Paulo e pediu que fosse batizada. Ela era de origem pagã, mas havia-se convertido ao judaísmo e adorava o único Deus dos judeus. Porém, por não ter aderido plenamente às práticas da religião judaica, era considerada *adoradora de Deus* ou *temente a Deus*. Os pagãos que se convertiam completamente ao judaísmo, até aceitando o rito da circuncisão,<sup>2</sup> eram chamados de *prosélitos*.

Ao escutar o pedido de Lídia, Paulo imediatamente a levou para a margem do rio e a batizou, derramando água três vezes sobre sua cabeça, conforme os missionários cristãos costumavam fazer, de acordo com determinadas circunstâncias.

Depois de ter sido batizada, Lídia disse a Paulo e a seus companheiros: “Se vocês consideram-me fiel ao Senhor, venham ficar em minha casa” (At 16,15).<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Rito de iniciação ao casamento, espécie de operação de fimose, praticado por muitos povos primitivos que, em Israel, tornou-se um sinal de pertença ao povo eleito, sendo realizado logo após o nascimento (cf. Gn 17,9-14).

<sup>3</sup> Todas as citações de textos bíblicos foram tiradas da *Nova Bíblia Pastoral*, São Paulo: Paulus, 2014.

Paulo hesitou em aceitar o convite de Lídia, pois não costumava receber favores das comunidades fundadas por ele, para não lhes ser pesado (cf. At 20,34; 1Cor 4,12; 9,13-15). Mas, ao perceber o quanto Lídia parecia feliz em poder lhes prestar esse serviço e, temendo causar-lhe algum desgosto por recusar sua oferta, resolveu aceitá-la. De fato, Lídia possuía um temperamento extremamente cordial e estava sempre disposta a ajudar aqueles que mais precisassem. Sua atenção voltava-se para as necessidades dos outros e mostrava-se disponível para servir a todos aqueles que dela se aproximavam.

Lídia não era rica, mas vivia com relativo conforto. Ela era uma comerciante de tecidos tingidos com tinta de cor púrpura (roxo), e havia emigrado com seu esposo da cidade de Tiatira na Ásia Menor, algum tempo depois de seu casamento. Naquela época, a púrpura era um corante de grande renome e o mais caro de todos os corantes. Simbolizava riqueza e distinção, e era utilizada nas vestes reais romanas. Tendo ficado viúva ainda relativamente jovem, logo depois da morte do marido, assumiu os negócios dele. Sendo muito ativa e determinada, aos poucos ela conseguiu prosperar. Na ocasião em que se tornou cristã, tinha três filhos adolescentes, duas servas que a auxiliavam nos trabalhos domésticos e dois servos que a ajudavam quando realizava transações comerciais.

A casa onde Lídia morava era uma espécie de vila romana espaçosa, situada nos arrabaldes da cidade. As salas de espera e de refeição possuíam tetos altos e pisos de mosaico, e abriam-se diretamente para um pátio interno que servia como vão de entrada para a luz. Os quartos de dormir e os recintos dos empregados abriam-se para corredores.

Ao chegarem à casa de Lídia, Paulo e seus companheiros anunciaram o evangelho a seus filhos e a seus servos e

todos eles foram batizados. Assim, toda a “casa” de Lídia tornou-se cristã, pois, naquele tempo, a “casa” era muito mais ampla do que a família nuclear, incluindo não só parentes próximos, mas também escravos libertos, isto é, escravos libertados pelos seus donos; trabalhadores contratados e, algumas vezes, atendentes e parceiros no comércio e na profissão.

Em seguida, quando todos haviam-se sentado à mesa para tomar a ceia, a principal refeição do dia, Lídia perguntou a Paulo quando ele tinha-se tornado cristão. Paulo, então, respondeu-lhe:

– Eu sou judeu de nascimento, natural da cidade de Tarso, na Cilícia. Estudei a Lei numa das melhores escolas rabínicas de Jerusalém e tornei-me um zeloso fariseu.

Percebendo que talvez Lídia não soubesse o que significava a palavra *fariseu*, Silas interveio:

– Os fariseus constituem um grupo do judaísmo que se destaca pelo cumprimento rigoroso da Lei de Moisés, principalmente pelas regras de pureza prescritas no livro do Levítico, isto é, um dos cinco primeiros livros da Bíblia. Eles observam os mandamentos nos seus mínimos detalhes, pois acreditam que são justificados diante de Deus por meio do cumprimento da Lei.

– Sendo assim – continuou Paulo –, ao tomar conhecimento da pregação dos seguidores de Jesus, comecei a persegui-los, pois acreditava que eles pregavam contra nossas instituições mais sagradas: o Templo e a Lei. E quando Estêvão, o primeiro mártir cristão, foi apedrejado, eu estava presente e concordei com a morte dele (cf. At 8,1-3). Um dia, porém, enquanto viajava para a cidade de Damasco, levando cartas de recomendação do sumo sacerdote para prender os cristãos e trazê-los de volta para Jerusalém, fui ofuscado por uma luz que me envolveu inteiramente (cf.

At 9,1-19). Ouvi uma voz que me dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”. Eu, então, perguntei: “Quem és tu, Senhor?”. E ouvi a seguinte resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”. Imediatamente caí por terra e não consegui mais enxergar. Ao chegar a Damasco, fui enviado a um discípulo que se chamava Ananias. Este impôs as mãos sobre mim fazendo com que eu recuperasse a visão. Em seguida, fui batizado por Ananias e, pela graça de Deus, sou o que sou. Compreendi, então, que somos salvos pela fé em Jesus Cristo e não pela observância da Lei de Moisés, de modo que os cristãos vindos do paganismo não precisam submeter-se ao rito da circuncisão. Todos nós, judeus e pagãos, somos salvos pela graça de Deus em Jesus Cristo.

– Na verdade – disse Timóteo –, ao me tornar cristão, eu não precisava ser circuncidado, mas sendo eu filho de mãe judia e de pai pagão, era conveniente que eu recebesse a circuncisão para ser bem acolhido pelos judeus, a quem primeiro nos dirigíamos ao anunciar o evangelho (cf. At 16,1-5).

– Eu, porém – acrescentou Lucas –, que sou gentio (pagão) de nascimento, nunca fui circuncidado. Assim também não o serão todos os cristãos convertidos do paganismo.

– Nós todos, judeus e gentios (pagãos), formamos o novo povo de Deus, pois somos salvos pela fé em Jesus Cristo, e não pelo cumprimento da Lei de Moisés, concluiu Paulo.

Na manhã seguinte, Lídia acompanhou Paulo e seus companheiros até o lugar de oração, pois ela sabia que, naquele dia, um grupo de prosélitos, isto é, pagãos que haviam se convertido plenamente à religião judaica, estaria reunido naquele local para estudar a Lei. A instrução dos prosélitos era ministrada por um escriba<sup>4</sup> judeu chamado Sízigo.

<sup>4</sup> Os escribas ou doutores da Lei eram estudiosos e intérpretes das Escrituras. Ocupavam um lugar de destaque na vida judaica, exercendo as funções de teólogos e juristas.



Chegando àquele lugar, e tendo sido introduzidos no grupo por Lídia, Paulo e seus companheiros começaram a discutir com eles, mostrando que Jesus era o Messias prometido por Deus ao povo de Israel. Sízigo e alguns dos prosélitos, entre eles um comerciante de trigo chamado Clemente, foram tocados pela pregação dos missionários cristãos e pediram que fossem batizados. Os missionários os conduziram até o rio e o batismo dos novos convertidos foi realizado por imersão. Todos eles despiram-se de suas vestes e foram mergulhados nas águas do rio. O ato de despirem-se de suas roupas era carregado de simbolismo, e significava despirem-se do “homem velho”. Depois de batizados, vestiram as roupas novamente, significando que se revestiam de Cristo, o “homem novo”. O sentido metafórico do despir e vestir a roupa fazia também alusão à figura ética de tirar de si os maus hábitos para revestir-se dos hábitos virtuosos. Ao mesmo tempo, a descida e o mergulho na água representavam o “ser sepultado com Cristo” (Rm 6,4) e a saída da água significava o “ser ressuscitado com Cristo” (Cl 2,12). Conforme as circunstâncias, o batismo dos primeiros cristãos convertidos era também realizado por aspensão, isto é, derramando água três vezes sobre a cabeça deles. Paulo e seus companheiros ficaram vários dias em Filipos.

Certa ocasião, enquanto anunciavam a Palavra de Deus na praça da cidade, vários pagãos se converteram, e, como os novos convertidos não conheciam as Escrituras, foram enviados por Paulo para serem instruídos por Lídia, Sízigo e Clemente, antes de receberem o batismo. Paulo insistia que os cristãos de origem pagã, embora não precisassem ser circuncidados nem observar a Lei de Moisés, deveriam ser instruídos nos livros do Antigo Testamento, pois acreditava que, sem as Escrituras, não era possível entender Jesus.

Não demorou muito para Lídia assumir grande liderança na comunidade cristã de Filipos. Sua casa transformou-se numa igreja doméstica, que era o local onde os cristãos se reuniam para orar e celebrar a Ceia do Senhor. Ela pregava, ensinava, batizava e presidia à celebração da Eucaristia, o rito da fração do pão. Aproveitava o contato que mantinha com as pessoas que a procuravam para tratar de negócios, para anunciar o evangelho. Dessa maneira, converteu duas de suas clientes de origem pagã. Uma delas chamava-se Evódia. Ela era uma mulher independente, pois assim como Lídia, logo depois que ficou viúva, assumiu os negócios do marido, um próspero comerciante de perfumes e bálsamo. A outra chamava-se Síntique, e era de condição social mais modesta, pois tinha-se casado com um fabricante de sandálias. Enquanto esteve em Filipos, Paulo encarregou-as de cuidar dos pobres e doentes da comunidade, pois ele tinha sempre em mente a recomendação que recebera dos dirigentes cristãos de Jerusalém de não se esquecer dos pobres (cf. Gl 2,10).

Certo dia, a igreja que se reunia na casa de Lídia ficou sabendo que Paulo e Silas haviam sido presos e intensificaram orações ao Senhor pela sua libertação (cf. At 16,16ss.). Lídia ficou muito aflita ao receber essa notícia, pois era dotada de um temperamento extremamente sensível e emotivo. Experimentava grande empatia para com aqueles que sofriam e se compadecia com a dor alheia como se fosse a sua. Quando os dois missionários foram libertados, dirigiram-se à casa de Lídia e narraram à comunidade ali reunida tudo o que havia acontecido:

– Quando nos dirigíamos ao local de oração – disse Paulo – encontramos uma jovem escrava atormentada e explorada pelos seus donos. Eles a usavam para obter muito dinheiro, pois diziam que ela tinha um espírito de adivi-

nhação e podia prever o futuro. Fiquei muito incomodado com aquela situação de opressão, pois não achava correto o que eles faziam. Pedi, então, em nome de Jesus, que ela fosse libertada daquela exploração e imediatamente o espírito de adivinhação saiu dela.

– Diante disso – continuou Silas – os donos da escrava, vendo que havia escapado a esperança de seus lucros, agarraram-nos e conduziram diante dos magistrados da cidade. Os magistrados mandaram açoitar-nos com varas e colocaram-nos na prisão.

– Por volta da meia-noite – prosseguiu Paulo – enquanto estávamos em oração, houve um terremoto tão forte que os alicerces da prisão abalaram-se, as portas abriram-se e as correntes de todos os prisioneiros soltaram-se. O carcereiro, cujo nome é Epafras, com receio de que os prisioneiros tivessem fugido, puxou da espada e estava prestes a matar-se, quando eu gritei para que ele não o fizesse, pois todos nós estávamos ali.<sup>5</sup>

– Em seguida – disse Silas – ele nos lavou as feridas e nos levou até a sua casa. Nós anunciamos-lhes a Palavra do Senhor, e ele e todos os seus foram batizados. Preparou-nos, então, uma refeição e muito se alegrou, com toda a sua família, por ter acreditado em Deus. Depois disso, voltamos para a prisão e os magistrados mandaram nos soltar, pois haviam tomado conhecimento de que éramos cidadãos romanos.

De fato, Paulo era cidadão romano desde o seu nascimento, pois seu pai havia obtido a cidadania por ter fornecido tendas para uma campanha militar romana. Silas também era cidadão romano pelos serviços que seu pai prestara

<sup>5</sup> Responsáveis pelos prisioneiros, os carcereiros daquela época deviam sofrer a mesma pena daqueles que tinham deixado escapar.

à administração romana na cidade de Cesareia. Os filhos de cidadãos romanos herdavam a cidadania de seus pais e, por isso, Paulo e Silas não podiam ter sido açoitados e aprisionados sem julgamento. Ao saber disso, os magistrados ficaram com muito medo do que haviam feito, e lhes pediram que saíssem imediatamente da cidade.

Paulo, então, resolveu deixar a comunidade que ele tanto amava, mas, antes, reuniu os líderes da igreja para lhes dar instruções. Antes de partir, ele impôs as mãos sobre Lídia, Sízigo e Clemente e os designou para a função de *episcopos*, isto é, vigilantes e servos. Além de pregar, ensinar, batizar e presidir a celebração da Ceia do Senhor, eles tinham a tarefa de dirigir a comunidade e cuidar da administração. As casas de Sízigo e Clemente também logo se tornaram igrejas domésticas, na medida em que crescia o número de batizados. Paulo também designou Evódia, Síntique e Epafrodito para a função de *diakonos*. Além de pregar o evangelho e batizar, eles assumiam a tarefa de cuidar dos pobres e doentes da comunidade (cf. Fl 1,1).

Depois disso, Paulo partiu para Tessalônica, cidade da Macedônia, juntamente com Silas e Timóteo (cf. At 16,40). Lucas ficou em Filipos para ajudar na evangelização daquele lugar.

Um dia, enquanto estava em Tessalônica, Paulo foi surpreendido pela visita do carcereiro Epafrodito, que tinha sido enviado por Lídia e pelos outros dirigentes da comunidade de Filipos para cumprir uma missão junto a ele. Paulo muito se alegrou por finalmente poder ter notícias de seus queridos filipenses, e mal podia esperar para saber a missão para a qual Epafrodito tinha sido designado. Acolheu-o de braços abertos e convidou-o a ficar com ele aquele dia.